

SONHOS DE UNIVERSITÁRIOS NO CONTEXTO PANDÊMICO E O CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO

DREAMS OF UNIVERSITY STUDENTS IN THE PANDEMIC CONTEXT AND THE BRAZILIAN POLITICAL SCENE

Jaquelina Maria Imbrizi¹
<http://orcid.org/0000-0003-0950-6174>

Jussara de Souza Silva²
<http://orcid.org/0000-0003-3253-5838>

Gabriela Corrêa Ramos³
<http://orcid.org/0000-0001-5697-8516>

Dimitry Fernandes⁴
<http://orcid.org/0000-0002-6514-9944>

RESUMO

A ação de extensão “Roda de Conversa sobre Sonhos” foi criada no ano de 2020 como forma de acolhimento das angústias e de partilha de experiências dos estudantes em decorrência da eclosão da pandemia de Sars-CoV-2 (covid-19). Trata-se de um espaço grupal que visa compartilhar sonhos, cujos encontros são realizados em ambiente virtual, via *Google Meet*, como uma forma de manter os vínculos entre estudantes e a comunidade universitária. O objetivo do artigo é apresentar três narrativas oníricas de universitários que participaram do primeiro ciclo do projeto, entre maio e julho de 2020. O método de análise do material produzido no grupo se utilizou de três dimensões de tratamento das narrativas oníricas:

¹ Professora Associada III da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – *Campus* Baixada Santista, atua na graduação e nos programas de pós-graduação Ensino em Ciências da Saúde (Modalidade Profissional) e Interdisciplinar em Ciências da Saúde (Modalidade Acadêmica). É membro do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política da Usp (PSOPOL). Coordena o Diretório de Pesquisas do CNPq Laboratório de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade (PPAS) e o projeto de extensão: Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das Juventudes.

² Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro cadastrada no Diretório de pesquisas do CNPq Laboratório de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade e no Núcleo de Investigação e estudos em Psicanálise, Saúde e Sociedade (NIEPSS), atua como extensionista em dois projetos de extensão, atualmente é bolsista de extensão da Proec e Pesquisadora de Iniciação Científica na área da Psicologia Social e Criminal, sob viés da Criminologia Crítica.

³ Graduanda em Psicologia na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Membro cadastrada do Laboratório de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade (UNIFESP). Extensionista nos projetos de extensão “Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das Juventudes” e “Mulheres, Arte e Cuidado”.

⁴ Psicólogo formado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) - *Campus* Baixada Santista.

singular, social e comum e a prospectiva. Cabe destacar que o distanciamento social e as incertezas políticas colocaram desafios às instituições de ensino superior no sentido de convidá-las a inventar dispositivos de comunicação com os discentes e docentes, e de cuidado com o intuito de acolher a dimensão sociopolítica do sofrimento da comunidade acadêmica. Consiste em uma aposta na formação profissional que articula pesquisas científicas e experiências de acolhimento ao outro no processo ensino/aprendizagem em constante busca de diálogo com o contexto social e histórico.

Palavras-chave: psicanálise; sonho; grupo; pandemia; juventudes universitárias.

ABSTRACT

The extension action of “wheels conversations about dreams” was created in the year 2020 as a way of greeting students’ anguish and sharing experiences as a result of the outbreak of the Sars-CoV-2 (Covid-19) pandemic. This is a grupal space aiming to share dreams, whose meetings are held in a virtual environment, through the Google Meet Platform, as a way to maintain the ties between students and the university community. This article aims to present three oneiric narratives of university students who participated in the first cycle of the project, between May and July of 2020. The method of analysis produced in the group used three dimensions treatment of the oneiric narratives: singular; social and common and the prospective. It is worth highlighting the social distancing and political uncertainties posed challenges to higher education institutions in the sense of calling them to invent communication devices, with students and teachers, and care in order to embrace the sociopolitical dimension of the suffering of the academic community. It is a commitment to professional training that articulates scientific research and experiences of welcoming the other in the teaching/learning process in a constant search for dialogue with the social and historical context.

Keywords: Psychoanalysis; Dream; Group; Pandemic; University Youths.

INTRODUÇÃO

O surgimento da pandemia de covid-19 representou uma ruptura nas formas de ser e estar no mundo até então experimentadas pelos seres humanos. No Brasil, esses modos de convívio produziram mais sofrimento na população em decorrência da gestão de um governo negacionista que não protegeu a vida, com agravantes para pessoas em situação de vulnerabilidade social. Essas formas de gestão do país aumentaram as desigualdades socioeconômicas. Desse modo, as trocas físicas e o convívio entre corpos foram transitoriamente suspensos e logo convertidos ao ambiente virtual. Especificamente, na

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), *campus* Baixada Santista, houve uma diferença: apesar de as atividades acadêmicas presenciais terem sido paralisadas, a transição para o ambiente virtual não foi imediata e houve um período de suspensão de todas as atividades.

Em meio às discussões para a construção de um ensino remoto, observou-se a necessidade de restabelecer o vínculo dos estudantes com a universidade no formato *on-line*. Para a turma XIV de Psicologia, houve a formação do “Grupo de Sonhos”, com o objetivo de proporcionar um espaço de escuta, acolhimento e cuidado, utilizando-se de narrativas oníricas como disparadoras para a elaboração das angústias e a construção de outras possibilidades de ser e estar no mundo em meio ao contexto caótico desencadeado pelo advento da pandemia. Mais tarde, essas atividades grupais engendrariam o projeto de extensão *Arte e Sonho: Abordagem Psicanalítica nos Modos de Cuidar das Juventudes*, coordenado por Jaquelina Imbrizi (2020), e se configurariam como uma ação extensionista, intitulada “Roda de Conversa sobre Sonhos”, ampliando-se o público-alvo para a comunidade acadêmica e externa à universidade.

A inspiração para a criação do trabalho advém de *A Interpretação dos Sonhos*, livro no qual Sigmund Freud (2017)⁵ apresenta um método de investigação do inconsciente e considera a produção onírica a principal via de acesso à vida psíquica por meio da prioridade dada à fala e às associações livres do sonhante. Outras importantes referências são Charlotte Beradt (2017), em cujo livro, *Sonhos no Terceiro Reich*, observa a manifestação da conjuntura política na produção onírica das pessoas; Ailton Krenak (2019) e Krenak e Sidarta Ribeiro (2020), que defendem a dimensão prospectiva das narrativas oníricas para a construção de outros horizontes políticos possíveis; René Kaës (2003), com seu trabalho a respeito do compartilhamento de sonhos em grupo e da possibilidade de construir um espaço onírico comum; e Paulo Freire (1987), que apresenta, no livro *Pedagogia do Oprimido*, a concepção de “Círculo de Cultura”, influenciando a decisão das criadoras do projeto com vista a estabelecer uma Roda de Conversa como ferramenta para uma condução horizontal dos papéis no grupo cujos objetivos são facilitar a circulação da palavra e promover o encontro entre os sonhantes.

Na primeira etapa do projeto, ocorreram nove encontros do “Grupo de Sonhos”, entre maio e julho de 2020, via *Google Meet* e com duração de aproximadamente 2 horas. Os participantes foram universitários, de 18 a 25 anos, do segundo ano do curso de Psicologia, sob a coordenação da professora de referência da turma. No início, um sonhante compartilha sua experiência onírica e, ato contínuo, é instado, pelos coordenadores e demais participantes, a livre-associar a respeito, por meio de questões sobre o dia anterior ao sonho, os afetos durante e após o despertar, experiências relacionadas ao conteúdo onírico, entre outras ações. Em seguida, os participantes do grupo são convidados a estabelecer associações, trazendo tanto referências pessoais quanto sociopolíticas e histórico-culturais, sem haver juízo de valor ou hierarquia nas contribuições de cada participante. Desse modo, há a produção de um espaço onírico comum e compartilhado entre os presentes (KAËS,

⁵ Original publicado em 1900.

2003), possibilitando a realização do exercício de diálogo crítico e de produção de recursos de enfrentamento da realidade vivida.

Objetiva-se apresentar a primeira etapa do projeto de extensão, na qual foram compartilhados 19 sonhos e deu ensejo ao Trabalho de Conclusão de Curso de graduação de Dimitry Fernandes (2021) vinculado ao projeto supracitado, bem como à pesquisa intitulada *Produção Onírica e Arte: o que sonham juventudes e adolescentes em situação de vulnerabilidade social?* (IMBRIZI, 2021). Foram escolhidos três sonhos dos participantes das rodas para ser apresentados, cujos critérios de escolha foram: como o contexto de crise sanitária advinda da pandemia e o concomitante desalento político, instados pelo contexto político brasileiro, incidiram na produção do sonho, conforme Joel Birman (2020a, 2020b); como o espaço público apareceu no cenário onírico e a perspectiva apresentada pelo sonhante, muitas vezes, em clima distópico e em meio a uma cidade apartada pelas desigualdades; e como os sonhadores se posicionam subjetivamente no espaço onírico diante do terror da morte como vestígio da vida de vigília transformada em pesadelo. Assim, apresentar-se-ão a contextualização do momento histórico no qual ocorreram as rodas de conversa, o método de análise e as dimensões de tratamento do material onírico e, na sequência, serão analisados, separadamente, a exposição das produções oníricas selecionadas e as respectivas associações do sonhante e demais participantes, os afetos que apareceram e o que foi discutido no dia. Os processos associativos produzidos pelo grupo vêm funcionando como caixa de ressonância de sentidos e significados sobre o contexto histórico e político do Brasil em contexto de pandemia, sob a perspectiva de estudantes universitários.

O MÉTODO DE ANÁLISE: AS TRÊS DIMENSÕES DE TRATAMENTO DO MATERIAL ONÍRICO

Para a análise do material produzido nesses encontros, foram elencadas três dimensões de tratamento do material onírico. A primeira se refere ao “o quê” no conteúdo apresentado nos remeteria à singularidade da história de vida do sonhante, o qual é convidado a fazer suas próprias associações. É preciso atentar-se para a especificidade do cenário e dos objetos apresentados no ambiente onírico criado pelo sujeito, pois se trata de uma experiência profícua de encontro com a vida do narrador. Ressalta-se a perspectiva pela qual o sujeito narra o sonho e a função deste podendo tratar-se de uma realização de desejo, conforme considerado por Freud (2017), ou se referir a uma função traumatolítica, de acordo com Sándor Ferenczi (2011), no sentido de um trabalho psíquico de elaboração de acontecimentos traumáticos. O segundo caso se aproxima dos pesadelos capazes de acordar o sonhante em sobressalto com forte sentimento de angústia, conforme apontado por Freud (2010).

A segunda dimensão se refere às ideias de Beradt (2017), que percebeu elementos comuns nos sonhos de pessoas que viveram sob o impacto da ascensão das forças políticas da extrema-direita na Alemanha. Nesse sentido, interessa-nos os afetos comuns aos participantes, relacionados ao atual contexto histórico e político da pandemia no Brasil. Kaës (2004) auxilia na reflexão sobre essa dimensão, já que o psicanalista e grupalista valoriza os processos associativos criados em grupo a ponto de conceber o sonhante como representante de uma função denominada de “porta-sonhos”. Desse modo, a narrativa onírica pertencerá e será propriedade de todos os participantes. Há a possibilidade de a narrativa ser endereçada para o próprio grupo que a acolhe (FERENCZI *apud* KAËS, 2004) e oferece a oportunidade de confiança mútua e o compartilhamento de experiências.

A terceira forma de tratamento revela a dimensão prospectiva dos sonhos em direção ao futuro e com vista a novos horizontes poéticos, existenciais e políticos (KRENAK; RIBEIRO, 2020). Trata-se de não se ater apenas ao movimento regressivo presente no trabalho onírico mas também de localizar a direção progressiva da experiência do sonhar capaz de colocar o sujeito frente a frente com os desafios de seu tempo, além de analisar os impactos da pandemia e do cenário político no bem viver das juventudes contemporâneas e dos estudantes universitários, com impactos na qualidade de seu sono. A crise climática impõe dilemas aos sujeitos na contemporaneidade e, ao mesmo tempo que apresenta um cenário distópico de destruição e falta de perspectivas para o futuro, também nos convida a mudar nossa forma de agir e de estar no mundo, a criar ações mais coletivas e menos consumistas no sentido de inventar novos corpos que caibam e respeitem o planeta.

ANÁLISE DOS TRÊS SONHOS E DOS PROCESSOS ASSOCIATIVOS NO GRUPO

Das três narrativas oníricas selecionadas, duas foram relatadas no dia 12 de junho e no dia 27 de julho de 2020. Em junho de 2020, o quadro pandêmico era grave e cada vez mais preocupante, pois avançavam as contaminações e o número de mortes, além do alerta dos cientistas por estarmos diante de um novo paradigma de modos de convivência em sociedade. Antes da primeira quinzena do mês, o Brasil já ultrapassava 41 mil mortes, saía do quinto e passava a ser o segundo país com mais vítimas fatais do novo coronavírus. As projeções dos especialistas apontavam para o agravamento da situação, com a estimativa de ter 60 mil mortes até o final de junho. A gestão da pandemia era caótica, como aponta Joana Oliveira (2020), e, como revela Elena Sevillano (2020), ocultava dados sobre os casos e fatalidades da pandemia. Por conseguinte, o clima entre os participantes do grupo era melancólico, fúnebre, amedrontado e de revolta diante da situação política brasileira e da quantidade de mortes que poderiam ter sido evitadas pelo governo federal.

O primeiro sonho relatado apresenta, de maneira explícita, o medo da morte por covid, enquanto o segundo o faz de modo velado, por meio de um cenário apocalíptico que parece ter saído de uma produção hollywoodiana sobre zumbis. O terceiro, por sua vez, é relatado no mês seguinte, no último encontro daquele primeiro ciclo do projeto. Naquele

momento, o Brasil já ultrapassava a marca de 85 mil histórias de vida perdidas, mais de mil óbitos diários (G1, 2020b) e 2,2 milhões de casos confirmados. Havia a promessa de um imunizante, mas ainda não se sabia quando chegaria e se seria em quantidade suficiente para todos (G1, 2020a). Enquanto isso, o presidente Jair Bolsonaro recusava-se a comprar vacinas e defendia o uso de hidroxicloroquina mesmo depois da sua ineficácia contra a doença ter sido comprovada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (NÃO RECOMENDA, 2020). A despeito disso, não é surpreendente quando o terceiro sonho envolve um contexto familiar em ruínas e a sonhante relata as sensações de enjoo e ânsia persistentes no cenário onírico. Os nomes dos sonhantes, Júlia, Eduardo e Verônica, são fictícios para proteger suas identidades.

SONHO 1 - “MORRI DE COVID”

O sonho de Júlia:

Eu sonhei que eu estava em casa. Sentada na mesa, na mesa que tem aqui em casa, nada de mais, o mesmo ambiente. E aí, eu senti... eu estava bem, estava assim, normal, sabe? Como qualquer outro dia. E de repente eu sentia muita falta de ar, tipo, muita, muita, muita falta. E então eu olhava para minha mãe, e o cenário mudava, e eu tinha morrido. Depois falam que é de covid. Foi esse o sonho.

A partir dessa narrativa, um dos integrantes da Roda pede que Júlia explique um pouco mais o final do sonho. Ela afirma sentir muita falta de ar e, ao olhar para sua mãe, o ambiente da residência muda para outro lugar indistinguível para ela. Em seguida, percebe ter morrido e escuta alguém falando que a *causa mortis* foi covid. Conforme o processo associativo do grupo, o cenário político “sufocante” é relacionado a um dos sintomas da doença covid-19, que aparece como um quadro de síndrome respiratória aguda, causando falta de ar nas pessoas infectadas. Além disso, o medo de uma morte quase inevitável em tempos pandêmicos também se faz presente.

O sonho de Júlia começa em um ambiente bastante familiar, sua própria casa, e revela um conteúdo muito simples, mas angustiante. Há o estranhamente familiar, o sentimento de infamiliaridade e de incômodo (FREUD, 2021) persistente, mesmo no ambiente de sua própria residência. Para uma estudante de 20 anos, a morte parece pouco provável na linha de vida considerada natural. Entretanto, agora se mostrava como uma realidade tangível e assustadora, causada por um vírus invisível, responsável por produzir esses sentimentos diante da iminência de seus efeitos devastadores.

Esse sonho mostra-se com seu conteúdo manifesto literal: o medo da morte por sufocamento causado pelos sintomas respiratórios. A narrativa onírica expressa a dor da sonhante diante dos desafios do seu tempo histórico e se revela sem fantasia (BIRMAN, 2020a) referente a uma modalidade do sonhar em que há a reprodução *ipsis literis* da realidade apavorante no cenário onírico. Esse aspecto representa a primeira camada de tratamento do sonho concernente à dimensão singular.

O confinamento e a redução do número de espaços possíveis de ser ocupados podem causar a sensação de sufocamento e de falta de ar. A isso se relaciona também a pressão midiática daquele momento, com as disputas de narrativas sobre como proteger a população dos riscos de vida ou de negação da necessidade de tal proteção. A respeito disso, a sonhante comentou que “não há um segundo no qual se possa respirar aliviado”.

Assim, ao considerarmos a segunda camada de tratamento do sonho, os integrantes compartilharam sentimentos comuns vinculados à impossibilidade dos rituais de despedida e o respeito aos mortos, negado por um presidente da república que alegava não passar de uma “gripezinha” (UOL, 2020). O corte abrupto no sonho também foi relacionado à forma de tratamento das mortes nos telejornais, com apenas um breve comentário e/ou um número sendo descrito em um noticiário, um tempo curto demais para falar da morte e para velar os mortos.

Contudo, o momento também era propício para reflexões referentes à terceira camada de tratamento do material onírico. Quem mais estava morrendo em decorrência da pandemia? O vírus era o único determinante ou questões sociais estavam envolvidas? O que nós, como sujeitos em sociedade, podemos fazer para mudar esse cenário? Quais as ações coletivas a ser tomadas para se evitar uma nova pandemia? O encontro não trouxe respostas para todas essas questões, nem era esse o propósito, entretanto, produzir questionamentos foi um primeiro passo a fim de se refletir sobre projetos políticos inovadores, de modo a nos preparar para um futuro capaz de oferecer condições de vida digna a todos. Por consequência de tantas reflexões e indagações, essa experiência de partilha instigou que os outros participantes trouxessem narrativas oníricas envolvendo o tema da morte, como o caso da “Dutra congestionada”, sonho de Eduardo.

SONHO 2 – “DUTRA CONGESTIONADA”

Eu sonhei que eu estava passeando, a gente estava dentro do carro, numa estrada, tipo a Dutra, e ela estava lotada, o trânsito todo parado. E as pessoas começaram a descer do carro e andar, caminhar. E aí, eu, minha mãe e um homem, eu não sei quem é, a gente tava andando juntos e fomos saindo, pegando o retorno, assim pegamos uma saída dessa estrada. E ela ia fazendo a curva e a gente foi indo por ela. E, no meio do caminho, tinha umas poças d'água e havia um homem adulto pulando igual criança nessa poça d'água, espirrando água. Ele estava vestido de uma forma muito bizarra, com um capacete de minerador, aquelas capas de chuva amarela e pé de pato. E ele tava com... é... não sei, uma expressão muito doentia de... de infantilidade, rindo, meio sadicamente enquanto pulava na poça, espirrando água. E estávamos nós três andando de um lado da rua, e eu vi isso, aí eu falei 'eu vou atravessar a rua pra passar um pouco mais longe'. Eu atravessei a rua e fui indo e olhando, para ele, para minha mãe, para saber se ia ficar tudo bem. E aí esse cara foi para cima da minha mãe agressivamente. Eu atravessei a rua de volta correndo para tentar ajudar a minha mãe. E eu sei que ele enfiou algum objeto perfurante na região da barriga

da minha mãe e eu fiquei desesperado para impedir o cara e ele retirou a faca de dentro do corpo da minha mãe e enfiou em mim. E foi essa a última memória do sonho, eu tendo um objeto entrando na minha barriga com tudo e eu travando, ficando sem reação. Esse foi o sonho, desculpa pelo quão agressivo isso pode soar.

Com relação à primeira camada de tratamento do material onírico, Eduardo afirma que teve o sonho no começo da pandemia e revela o seu maior medo: ser esfaqueado, além de se sentir responsabilizado pelos cuidados com sua mãe, tratando-se de combustível associativo usado para a formação do sonho. Ele se culpa por não ter conseguido protegê-la do agressor. Concomitantemente, há uma identificação com o sofrimento da genitora desencadeado pela relação com o padrasto, o qual se omitia do cuidado em relação a ela. Outrossim, existe uma questão edípica, uma vez que o sonhante pode ter assumido a postura de protetor da mãe no lugar do padrasto e acontece, durante a narração, a repetição constante de “minha mãe”, com uma atenção especial dos participantes à possessividade presente no pronome “minha”. Cabe também assinalar a semelhança disso ao modo como apelamos para as nossas mães em momentos de perigo e medo da morte.

Na segunda camada, os processos associativos do grupo apontaram o cenário do sonho como o de um ambiente apocalíptico, como os dos filmes *Ensaio sobre a Cegueira* (2008), *Guerra Mundial Z* (2013) e a série *The Walking Dead* (2010). Nessas obras cinematográficas, apresentam-se personagens sobreviventes de um mundo assolado por uma pandemia, além de representar um alerta para as pessoas abandonarem modos de viver pautados na sociedade do consumo. Imbrizi *et al.* (2021) demonstram a percepção das juventudes sobre a pandemia, vista como uma máquina de moer sonhos por conta dos vários projetos de vida forçadamente interrompidos, sem contar as incertezas quanto ao futuro e a quase impossibilidade de terminar a graduação em uma universidade pública, dados os muitos cortes de recursos direcionados às instituições educativas no atual governo Bolsonaro.

No primeiro longa citado, os personagens são afetados por uma cegueira branca, cuja causa é desconhecida, associada pelos participantes à negação da realidade pandêmica. Nos outros dois, as ruas foram tomadas por mortos-vivos prontos para atacar qualquer um e o tornar um deles. No cenário onírico, como no dos filmes, não só não há escapatória para os poucos sobreviventes como ainda as personagens do sonho são agredidas violentamente por um palhaço vil e cruel.

O palhaço sádico foi interpretado pelo grupo como uma referência ao termo pejorativo dado ao presidente Jair Bolsonaro, Bozo⁶, em referência ao famoso palhaço dos anos 1980. A atitude bizarra e agressiva na narrativa onírica foi associada aos modos como o representante máximo do governo estava lidando com a pandemia, demonstrando desprezo à vida da população. Esse sonho torna explícito como a dimensão social – segunda camada de tratamento – atravessa a subjetividade e produz certo desalento do

⁶ GARCIA, Roosevelt. Todos os Bozos brasileiros: desde 1980, quinze atores já viveram o personagem na programação do sbt. **Veja São Paulo**. São Paulo, 11 set. 2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/blog/memoria/todos-os-bozos-brasileiros/>. Acesso em: 24 nov. 2021.

sujeito sem ter a quem apelar para se salvar diante das formas de governabilidade marcadas pela necropolítica (MBEMBE, 2011).

No tocante à terceira dimensão de tratamento do sonho, observou-se que há duas tendências conflitantes na forma de lidar com as crises sanitária e humanitária brasileiras. Por um lado, havia uma tentativa de manutenção da produtividade a todo custo, expressando a recusa neurótica em abandonar um estilo de vida reforçado pela máquina de produção capitalista. Por outro, está o reconhecimento de que a situação aflitiva produz a necessidade de construir espaços de pausa com o intuito de permitir o trabalho psíquico de elaboração do luto. Diante disso, é preciso eleger novos hábitos mais cuidadosos, os quais rompem com a onda de insensibilidade estimulada pelo governo bolsonarista (AB'SÁBER, 2021), sem se deixar anestésiar por atividades pautadas na lógica produtivista. Isso possibilita refletir criticamente sobre o contexto histórico e sociopolítico no qual estamos inseridos, ensejando criar estratégias singulares e coletivas de enfrentamento dos desafios advindos da pandemia e das políticas assassinas que dela se aproveitam para se fazer valer.

SONHO 3 - “EXCESSO E ESCASSEZ NO CAPITALISMO TARDIO”

No meu sonho, eu estava num carro com pessoas que eu não conhecia, mas no sonho eles eram meus amigos, eles eram mais velhos do que eu. A gente estava dirigindo pela cidade de Santos, mas estava tudo diferente, as ruas eram de pedra e não tinha nada asfaltado e nem prédios, era totalmente diferente e nos canais as pontes eram de madeira, parecia que estava tudo destruído. Aí eles pararam no único prédio que tinha, ele lembrava um daqueles galpões que ficam na Silva Jardim (bairro da cidade de Santos), mas para o fundo, para o porto, vários desses galpões estão vazios agora. Só tinham dois andares, então eles estacionavam ali, subiram uma escada e no topo tinha uma praça de alimentação e era um contraste gigantesco com o resto da cidade. Era muito iluminado, não tinha nenhuma janela, então você não via o lado de fora, o teto era baixo e era uma praça de alimentação só com comida fast food. A primeira coisa que eu senti quando eu entrei, eu olhei e pensei: “Meu Deus, só tem gente branca aqui” foi a única coisa que eu lembro de pensar na hora.

E aí eles iam almoçar e se direcionavam para outro lugar, e eu não tinha nenhum dinheiro para comprar nada e as pessoas ficavam perguntando “mas você não vai almoçar? Não vai comprar nada? Você vai ficar com fome” e eu me senti enjoada o tempo inteiro porque eles pediam muita comida e era “tipo” opulento, e muito excesso. A decoração era excessiva, a luz era excessiva, a comida era excessiva e tinha muito banner de marca “tipo” Burger King e Mcdonalds de néon, muito chamativo e eu ficava enjoada, eu sentia a sensação do enjoo, eu achei que eu ia acordar e vomitar. E ficavam toda hora me oferecendo comida “eu pago para você, eu compro senão você vai ficar com fome, você não quer comer? Você não está com fome? Você está muito magra” e eu falava “não, não, não” e eu pensava “quem são essas pessoas, afinal, eu não conheço ninguém”. Mas eu não podia ir embora

porque eu precisava do carro como carona para poder ir embora, então eu tinha que ficar com eles e esperar que terminassem de comer para eu ter uma carona de volta, para onde eu não sei. É isso, foi bem estranho, eu acordei com uma sensação forte de enjoo e me sentindo como se tivessem me oferecido muito.

O material onírico revela detalhes do território no qual a sonhante nasceu e cresceu: os bairros próximos ao Porto de Santos, São Paulo, marcados pela presença de muitos galpões e caminhões e pela precariedade de infraestrutura voltada para a melhoria da qualidade de vida dos moradores. Há um contraste com o local onde a sonhante mora atualmente: belo, convidativo e abastado. Ter voltado a frequentar o bairro da sua infância, onde o *campus* da universidade se situa, pode ter servido como inspiração para a tessitura onírica.

No cenário onírico, é possível observar um desses galpões como palco dos acontecimentos da segunda parte do sonho. Para a primeira camada de tratamento, é possível observar a repetição de uma cena em sua trajetória de vida: a preocupação invasiva de seus familiares em relação a ela e ao seu corpo. Isso ocorreu pelo fato de Verônica, desde criança, ser muito magra e, por causa disso, seus parentes constantemente lhe ofereciam todo tipo de comida, mesmo quando ela não sentia fome, produzindo nela uma preocupação excessiva com seu corpo por meio de suas atividades físicas rotineiras. Todavia, devido ao isolamento físico, os exercícios foram pausados, e as lembranças sobre as cobranças na sua infância retornaram. Ela supõe que a sensação de enjoo pode estar vinculada a esse excesso de oferta e imposição de se alimentar.

Por sua vez, na segunda camada, o interior do galpão também é visto pelo grupo como uma referência aos excessos aos quais somos expostos constantemente: os apelos publicitários voltados à alimentação e ao consumo, as luzes inebriantes e enjoativas que impedem o nosso sono tranquilo, ostentando marcas conhecidas de *fast food*, um local análogo a uma praça de alimentação de um *shopping*. O racismo estrutural – revelado por um ambiente ocupado apenas por pessoas brancas – e as desigualdades sociais – presentes na sociedade brasileira, que foram intensificadas durante a pandemia – aparecem em um cenário onírico no qual a sonhante está em um lugar repleto de excessos de toda ordem enquanto ela sabe que há outras pessoas sem a mesma oportunidade, muitas delas, sendo obrigadas a comer osso e a buscar comida no lixo (MESQUITA, 2021).

Por fim, na terceira dimensão de tratamento do sonho, o desamparo e o medo se fizeram evidentes, mas também trouxeram reflexões. Para Krenak (2019) e sua tribo, os sonhos são consultados como uma base de apoio na qual as pessoas se organizam para transformar seus modos de agir com vista ao bem da comunidade. Dessa maneira, na Roda, a narrativa onírica mostrava dois ambientes desiguais – um no qual pessoas, principalmente brancas, usufruíram do excesso e se escondiam em *shoppings* para não ver a realidade; e o outro marcado pela escassez e falta das condições mínimas para sobreviver – que interpelaram os participantes a se sensibilizar com o alerta dos ambientalistas: a devastação do planeta, pois se o modo de produção e consumo não mudar para meios sustentáveis, não será possível acolher as novas gerações em um futuro próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida não é para ser útil. Isso é uma besteira. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade para ela. A vida é fruição. A vida é uma dança. Só que ela é uma dança cósmica e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária, a uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço... tudo isso, gente, é uma historinha tão ridícula! A vida é mais do que tudo isso. [...]. Nós temos de ter coragem de ser radicalmente vivos. E não negociar sobrevivência (KRENAK, 2020a).

A ação de extensão “Roda De Conversa Sobre Sonhos”, além das atividades de ensino e pesquisa, tem contribuído para sustentar o tripé estruturante das universidades públicas brasileiras. Os projetos de extensão, característicos do Instituto Saúde e Sociedade (ISS) do *Campus* Baixada Santista, têm se configurado como um elo de pertença e comunicação com as pessoas que ocupam o território ao redor da universidade, além de contribuir para estabelecer uma comunicação dialógica com o público interno, principalmente estudantes do curso de Psicologia da UNIFESP.

Os universitários aprenderam a conviver em grupo e em formato horizontal de relações, entraram em contato com a “via régia para o inconsciente” (FREUD, 2017), exercitaram um modo de psicologia inventiva e colocaram a produção onírica como parte do cotidiano, não descolada da vida, em suas três dimensões de tratamento apresentadas neste estudo: a singular, a comum e a prospectiva. Assim, a ideia de uma universidade pública reservada apenas para as elites e que produz conhecimentos conceituais descolados da realidade social, como se fosse uma redoma de vidro, foi desconstruída.

O aspecto social e geográfico da covid manifestou-se nos cenários oníricos. A unidade Silva Jardim, onde se localiza o ISS da universidade, ocupa uma parte da cidade longe do *glamour* da orla da praia, e rodeada por prédios precários que servem de residência à população em situação de rua. Há dificuldade de comunicação com essa população, a qual também questiona a universidade como elite dos conhecimentos hermeticamente fechados ao território onde se localiza, aquela que produz saberes aplicáveis imediatamente à realidade e não questionados e revistos por meio do contato com a diversidade dos contextos sociais. Essas dimensões também estiveram presentes nas narrativas oníricas apresentadas. Daí a importância dos nossos sonhos para o encontro com o horror e, no caso, para exercitar e se deparar com a não identificação com um mundo desigual, o estranhamento frente ao terror de estar *sub judice* de um chefe de Estado que é irônico e desrespeita as mortes de brasileiros e brasileiras. Como afirma Reinhart Koselleck (2017, p. 180): “Subjugar-se ao terror no sonho significava resistir fortemente a ele no dia a dia”.

Portanto, retomou-se a proposta psicanalítica que situa o sonho como trabalho psíquico de elaboração de acontecimentos traumáticos aos moldes dos sonhos traumáticos descritos por Freud (2010). Eles não funcionam mais como guardiões do sono em um momento da história da humanidade no qual quase é impossível dormir diante da

pandemia que incita o enfrentamento da angústia frente à nossa finitude escancarada pelas 613.957 mortes de nossos contemporâneos até o momento da escrita deste texto (BRASIL, 2021).

A experiência com o “Grupo de Sonhos” foi significativa para pensar sobre as juventudes inseridas na universidade, em meio a um projeto de construção profissional, atravessadas por uma das maiores tragédias sanitárias, e, especificamente no caso do Brasil, por um governo de extrema-direita, que não agiu de acordo com as orientações da OMS, isentando-se de ações necessárias para proteger a vida da população. O grupo de universitários precisou lidar com os desafios de uma pandemia e foi possível localizar, no material onírico coletado, as temáticas do terror da morte; o racismo estrutural; e o sujeito diante de um mundo apocalíptico e um futuro distópico.

Além da análise dos aspectos singulares, também estabelecemos diálogo com as contribuições de Beradt (2017) e localizamos os possíveis atravessamentos sociais e políticos nos sonhos de universitários, o que permitiu criar um registro histórico da vida psíquica dos participantes da Roda, algo como o feito da jornalista no período de ascensão do nazismo. No nosso caso, fomos um pouco além, pois conseguimos inserir as associações dos sonhantes e os processos associativos grupais de modo a retratar o nosso período histórico por intermédio da apresentação dos elementos presentes nos sonhos de universitários de uma universidade federal no Brasil.

Há de se ressaltar a terceira camada de tratamento do material onírico relacionada ao desafio de localizar elementos reflexivos sobre o futuro da humanidade em sociedade. A proposta da psicanálise, do grupo de partilha dos sonhos e deste artigo, é exatamente a de sonhar com a emergência de um ser humano politicamente atento e, principalmente, crítico quanto a si mesmo e resistente frente aos empuxos consumistas impostos pelos discursos sociais produtores de desejos e subjetividades. Quanto às notícias veiculadas e aos anúncios de mercadorias antes de cada produto cultural consumido, coube a reflexão: quais as forças que servem ao consumo excessivo em sua contraface de escassez oferecida para muitas pessoas em situação de vulnerabilidade social?

Os sonhos de universitários explicitaram diversas dessas linhas de força que trafegam livremente em nossa sociedade. Por ora, um dos encaminhamentos possível é o de oferecer uma formação crítica aos estudantes, de modo a inspirar resistências contra discursos pautados na racionalidade instrumental do consumo de mercadorias. Há de se desnaturalizar o consumo conspícuo desencadeador de efeitos nefastos para o meio ambiente e para a crise climática do planeta.

Portanto, a construção de trabalhos que voltem o seu olhar para o sonho, em sua multiplicidade de formas de análise, é de grande relevância para promover cuidado em saúde. O sofrimento vivenciado pelos estudantes, apresentados no material onírico e nos processos associativos do grupo, mostra a necessidade de a universidade refletir sobre seu papel no cuidado e na produção de canais de comunicação com seus discentes. Para além da construção de conhecimento e de fomentar uma formação profissional mais sensível aos desafios de seu tempo, como um *campus* voltado à saúde pública, é necessário

analisar em quem as diretrizes e as cobranças de uma produção científica de excelência causam angústias e como promover saúde na e com a comunidade acadêmica.

Os sonhos não cessam, portanto, não podemos deixar de pensar sobre eles e os escutar, com o intuito de produzir conhecimentos, acolher a angústia que se torna visível e construir um futuro inspirado pelos mundos oníricos e não mais marcados pelo consumismo sem medida, pelo desrespeito à dignidade humana e pela devastação da natureza. Cabe, assim, um convite a você, leitor e leitora, para dançar a dança cósmica que nos dá coragem para sermos radicalmente vivos sem negociarmos sobrevivência.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, T. A. M. A morte é festa no Brasil de Bolsonaro. **a terra é redonda**, 29 abril. 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-morte-e-festa-no-brasil-de-bolsonaro/>. Acesso em: 29 de nov. 2022.
- BERADT, C. **Sonhos no Terceiro Reich**: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler. Tradução de Silvia Bittencourt. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- BIRMAN, J. Do sonho ao pesadelo. *In*: BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020a. p. 11-31.
- BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do coronavírus**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020b.
- BRASIL. Coronavírus. **Painel Coronavírus**. 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 26 nov. 2021.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ENSAIO Sobre a Cegueira**. Direção de Fernando Meirelles. Produção de Niv Fichman; Andrea Barata Ribeiro; Sonoko Sakai. Música: Marco Antônio Guimarães. 2008. (120 min.), son., color. Legendado. Baseado em: Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago.
- FERENCZI, S. Reflexões sobre o trauma. **Obras Completas**. Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FERNANDES, D. **Produção Onírica de Estudantes Universitários em tempos pandêmicos e o cenário político brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Psicologia) – Universidade Federal de São Paulo, Baixada Santista, 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. *In*: FREUD, S. **Obras completas**. v. 14. História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2010. p. 328-376. Original publicado em 1920.

FREUD, S. **O Incômodo** (Das Unheimliche). Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2021. Original publicado em 1919.

G1. As notícias mais importantes sobre coronavírus de 24 de julho: vacinas podem ter aprovação acelerada, estudo mostra que vírus pode se ‘camuflar’ contra sistema imunológico e OMS alerta Europa sobre risco de ‘ressurgimento’ da Covid-19 em meio à reabertura. **Portal G1**, 24 jul. 2020a. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/24/as-noticias-mais-importantes-sobre-coronavirus-de-24-de-julho.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2021.

G1. Brasil passa de 85 mil mortes por Covid-19 e tem média de 1.065 por dia na última semana: país conta 85.385 óbitos pela covid-19 e 2.348.200 infectados com coronavírus; 9 estados têm alta de mortes. **Portal G1**, 24 jul. 2020b. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/24/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-24-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2021.

GUERRA Mundial Z. Direção de Marc Forster. 2013. (116 min.), son., color. Legendado. Adaptação de: World War Z: An Oral History of the Zombie War.

HUXLEY, A. L. **Admirável mundo novo**. 22. ed. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

IMBRIZI, J. M. **Arte e sonho**: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes. Santos: Unifesp, 2020.

IMBRIZI, J. M. *et al.* **Produção Onírica e Arte**: o que sonham juventudes em situação de vulnerabilidade social? Baixada Santista: Universidade Federal de São Paulo, 2021.

KAËS, R. **A Polifonia do Sonho**. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

KOSELLECK, R. Posfácio. *In*: BERADT, C. **Sonhos no Terceiro Reich**: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

KRENAK, A. Como adiar o fim do mundo. Brasil: O Lugar, 2020a. 1 vídeo (72 min). https://www.youtube.com/watch?v=4NLcCm9bGrs&t=87s&ab_channel=OLugar. Acesso em: 21 nov. 2021.

KRENAK, A. Do sonho e da Terra. *In*: KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019. p. 25.

KRENAK, A.; RIBEIRO, S. **Sonhos para adiar o fim do mundo**. Live em 24 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>. Acesso em: 21 nov. 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2011.

MESQUITA, C. Mercado da miséria: frigoríficos vendem ossos de primeira e de segunda na periferia de Fortaleza: ossadas, pés e pescoços de galinha, vísceras e ovos se tornaram opção de compra de famílias vulneráveis, desempregadas e com a atividade autônoma comprometida durante a pandemia, para o consumo de proteína. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 25 de out. 2021. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/mercado-da-miseria-frigorificos-vendem-ossos-de-primeira-e-de-segunda-na-periferia-de-fortaleza-1.3151320>. Acesso em: 20 nov. 2021.

NÃO RECOMENDA? 6 vezes que Bolsonaro defendeu uso da cloroquina: presidente diz não ser o responsável por recomendar uso da hidroxicloroquina, mas defende medicamento para tratar Covid-19 desde o início da pandemia e tomou decisões com base na convicção. **Correio Braziliense**, Brasília, DF, 17 jul. de 2020. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/16/interna_politica,872688/nao-recomenda-6-vezes-que-bolsonaro-defendeu-uso-da-cloroquina.shtml. Acesso em: 16 nov. 2021.

OLIVEIRA, J. Brasil salta de quinto a segundo país com mais mortos por coronavírus no mundo em duas semanas: com 41.828 óbitos, país ultrapassa Reino Unido. Pesquisadores veem aceleração da doença com reabertura do comércio. Projeção calcula 60.000 mortos até o fim do mês. **El País**, São Paulo, 11 de jun. de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-13/brasil-salta-de-quinto-a-segundo-pais-com-mais-mortos-por-coronavirus-no-mundo-em-duas-semanas.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RIBEIRO, S. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, M. D. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2016

SEVILLANO, E. G. Aceleração do coronavírus nas Américas provoca críticas sobre gestão da pandemia: especialista aponta falhas na atuação de Brasil e EUA. Na região, Chile e Peru também têm incidências elevadas de casos de covid-19. **El País**, Madri, 12 de jun. de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-06-12/aceleracao-do-coronavirus-nas-americas-provoca-criticas-sobre-gestao-da-pandemia.html>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SOUZA, J.; CAMBI, J.; VIEIRA, L. **Relatoria de cinco encontros da TMRoda de Conversa Sobre Sonhos**" (de 08 de maio até 24 de junho do ano de 2020). Santos: Unifesp, 2020.

THE Walking Dead. Direção de Ernest R. Dickerson; Frank Darabont; Guy Ferland; Gwyneth Horder Payton; Johan Renck; Michelle Maclaren. 2010. (252 min.), son., color. Legendado.

UOL. 'Gripezinha': leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. 2020. **Portal UOL**, São Paulo, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em: 21 nov. 2021.